

Maria Lúcia Malard
Escola de Arquitetura da UFMG

RESUMO

De acordo com Baudrillard (1968) os objetos que fazem parte do nosso cotidiano podem ser agrupados em três sistemas: 1) o sistema dos objetos funcionais, que compreende os objetos de consumo, inclusive a casa; 2) o sistema dos objetos não funcionais, que são as antiguidades e as coleções artísticas; 3) o sistema dos objetos meta funcionais, que são os equipamentos eletrônicos e os robôs. Este artigo discute o envolvimento do sistema dos objetos funcionais na questão da qualidade do ambiente construído, particularmente na ambiência dos edifícios. O conceito de ambiência é examinado considerando-se as dimensões subjetivas e objetivas nele implicadas.

ABSTRACT

According to Baudrillard, ordinary objects used in everyday life are grouped into three systems: the system of functional objects that comprises consumer goods, including houses; the system of non-functional objects that are the antiques and the collections; the system of meta-functional objects that are the gadgets and the robots. This paper discusses the involvement of the system of functional objects with the issues related to the building environment quality, particularly to the ambience of buildings. The concept of ambience is examined taking into consideration its objective and subjective dimensions.

OS OBJETOS FUNCIONAIS

O sistema dos objetos funcionais, que é o de maior interesse para este artigo, compreende duas estruturas: a estrutura do arranjo e a estrutura da ambiência. A estrutura do arranjo está relacionada com a disposição e combinação dos objetos de forma a se obter um conjunto funcional capaz de comunicar valores sociais. A disposição espacial dos edifícios no território urbano, por exemplo, bem como a disposição de móveis num escritório, obedecem a certas regras que possam garantir o funcionamento desses arranjos e ao mesmo tempo comunicar os valores da cultura que os gerou. E por isso que o ambiente construído é, por si só, um sistema de comunicação, uma vez que através dele são veiculadas diversas manifestações do imaginário coletivo ou, como diz Rapoport (1982), diretrizes para o comportamento social. A estrutura do arranjo revela então essas diretrizes. Segundo Baudrillard, todas as sociedades sempre organizaram o seu cotidiano através da produção e do arranjo dos objetos. Analisando a disposição da mobília em dois contextos diferentes, o de uma casa burguesa e o de uma casa moderna, popular, ele conclui que a primeira é a expressão da estrutura, do gosto e das tradições da burguesia. O interior burguês é patriarcal, uma vez que ele é organizado para demonstrar a hierarquia e o estilo de vida da família. As salas e os quartos são espaços definidos, separados e decorados de acordo com os padrões sociais aos quais obedecem. Os interiores modernos, por outro lado, são mais funcionais e até certo ponto despidos de rígidos condicionantes sociais. Os objetos são arranjados em várias combinações, de forma a propiciar o uso diversificado dos espaços. A mesa será arranjada de um modo tal que possa ser usada para escrever ou para comer; o sofá muitas vezes é também polivalente, ou seja, é um sofá cama. Enquanto na casa burguesa as diversas unidades funcionais

ler, dormir, etc.) são alocadas em espaços bem definidos e delimitados por quatro paredes, na casa moderna esses ambientes são delimitados por divisões mais indefinidas, como estantes divisórias, biombo e similares. O que define as, unidades funcionais na casa moderna é o arranjo dos objetos e não as paredes da edificação. A posição de uma mesa com algumas cadeiras define e delimita o lugar destinado às refeições. Sofás e poltronas definem o estar e assim por diante. Esses arranjos expressam a família moderna na qual a autoridade é difusa e compartilhada por diversos membros. Eles também revelam o homem moderno como ser primordialmente organizacional, capaz de organizar e controlar os objetos, produzindo sistemas de ordem e comunicação.

Além da estrutura do arranjo, o sistema dos objetos funcionais possui a estrutura da ambiência, que é o meio pelo qual cores, materiais, forma e textura são combinados no ambiente construído, em suporte aos arranjos. Para Baudrillard, enquanto a estrutura dos arranjos revela aspectos organizacionais, de hierarquia e de poder, a estrutura da ambiência revela aspectos do chamado "estilo de vida". Nos ambientes tradicionais as cores, os materiais e as formas costumavam ser mais ligados às funções que os objetos tinham de desempenhar. As cores geralmente expressavam o próprio material (branco para o algodão e a pintura de caiação, marrom para a madeira, cinza para a pedra e assim por diante). Os objetos deveriam durar muito tempo, de modo que eles eram feitos de materiais duráveis como a madeira e a pedra e tinham a cor natural desses materiais. Com o tempo, os objetos produzidos com propósitos funcionais tomaram-se o símbolo desses propósitos. A cadeira tornou-se um símbolo de sentar, a

mesa um símbolo de comer e assim por diante. Nos tempos modernos, materiais artificiais como o plástico e as fibras sintéticas substituíram, materiais naturais e "vivos" como a madeira e o algodão. Baudrillard diz que, sendo artificiais, esses materiais são despidos de qualquer função simbólica, já que eles podem imitar quase tudo. Na verdade é o seu caráter artificial que permite que eles sejam combinados de acordo com o gosto de cada pessoa, com o estilo de vida pessoal. Deste modo, a ambiência do espaço moderno torna-se um sistema de signos em vez de um sistema simbólico, como fora no ambiente tradicional. Para que se compreenda bem essa diferença, é importante que se defina o conceito de signo de que se fala. Um signo pode ser qualquer elemento ao qual é dado um significado específico, como por exemplo os números em matemática e as notas em música. A principal característica dos signos é que seu significado é estabelecido por convenção. Símbolos também são elementos aos quais algum significado especial foi atribuído. A diferença reside no fato de que os símbolos são relacionados à cultura, isto é, os símbolos são criados pela praxis. Baudrillard diz:-

"The traditional object-symbol (tools, furniture, even the house), mediator of a real relationship or of a lived (vecu) situation, clearly bears the trace, in its substance and in its form, of the conscious and unconscious dynamics of this relation, and is therefore not arbitrary." (Baudrillard, 1988, p. 22)¹

Os símbolos não são objetos de consumo. Para vir a ser um objeto de consumo, o objeto-símbolo tem antes de se tomar signo. Um sistema de signos é, pois, mera abstração, enquanto um sistema de símbolos é forjado na experiência vivida e por isso mesmo é bastante concreto.

De acordo com o pensamento de Baudrillard, enquanto um sistema de signos, a ambiência do ambiente moderno é um objeto de consumo, pelo menos no que diz respeito aos seus aspectos subjetivos de demonstração de estilo de vida. Tanto isso é verdade que, nos últimos cinquenta anos, o conceito de "ambiente agradável" tem sido progressivamente ligado à noção do que está em moda. No Brasil, por exemplo, essa moda tem sido ditada pelas novelas da televisão. Percebe-se pouca diferença entre os ambientes mostrados nas novelas e os "show-rooms" das lojas de móveis. Em suma, para se definir com precisão o que um "ambiente agradável" significa, em termos subjetivos, há de se investigar o que está em moda para os ambientes interiores.

0 CONCEITO ARQUITETÔNICO DE AMBIÊNCIA.

O primeiro obstáculo a ser transposto na conceituação de ambiência enquanto uma qualidade arquitetônica é relacionado à escassez de estudos, no campo da arquitetura, sobre essa questão, apesar de os arquitetos sempre mencionarem a "ambiência dos espaços" quando falam de

¹ objeto-símbolo tradicional (ferramentas, mobília, a própria casa) mediador de uma relação real ou de uma situação vivida, traz claramente o traço, na sua substância e na sua forma, a dinâmica do consciente e do inconsciente dessa relação, sendo portanto não arbitrário.

seus projetos. Entretanto, quando os arquitetos falam sobre ambiência, tem-se a impressão de que eles estão falando de alguma qualidade sobrenatural, ou então de uma dimensão desconhecida que o espaço construído possui. Na verdade, ambiência nada tem de esotérico ou impalpável. É, isto sim, uma dimensão bastante concreta da arquitetura, como se discute em seguida.

O espaço arquitetônico é criado através de um processo de diferenciação e qualificação dos lugares (Norberg-Schulz, 1971). O estabelecimento da dialética interior/exterior, que é uma dimensão fenomenológica do habitar (Korosec-Serfaty~ 1985), é uma ação para dividir o mundo percebido em domínios sagrados e profanos, seguros e inseguros (Eliade, 1961, p. 48). O domínio sagrado é o interior, o "lá dentro", o lugar conhecido, protegido e cuidado, mesmo que fique a céu aberto, como os pátios e os jardins. O domínio profano é o exterior, o "lá fora", desprotegido, devassado e exposto aos perigos do mundo, ao desconhecido. O conjunto de qualidades que fazem de um lugar um domínio *sagrado constitui a ambiência desse domínio. Pode-se dizer então que a ambiência é revelada no processo de apropriação do espaço. Habitar é cuidar, diz Heidegger (1971), portanto é um processo sem fim de construir, arranjar, arrumar, modificar, cuidar e embelezar os lugares. Nesse processo o homem se apropria dos espaços humanizando-os, modificando-os para dotá-los de sua própria natureza. Humanizar espaços significa torná-los adequados ao uso dos humanos; torná-los apropriados e apropriáveis. Apropriação envolve a interação recíproca usuário/espço, na qual o usuário age no sentido de moldar os lugares segundo suas necessidades e desejos. Os lugares, em contrapartida, tornam-se receptivos. Essa influência mútua entre usuário/espço é a razão pela qual as pessoas e os grupos encontram -ou não - sua identidade nos diversos lugares em que vivem. Os lugares receptivos são aqueles com os quais as pessoas se sentem em perfeita harmonia e nos quais elas encontram sua identidade individual e coletiva. A ambiência do ambiente é o que possibilita esse processo comunicativo.

Além desses aspectos subjetivos acima mencionados, a ambiência também engloba aspectos objetivos, os quais podem ser definidos como as sensações corpóreas que se experimentam num lugar. Enquanto os aspectos subjetivos são aqueles ativados pela maneira em que os materiais, as cores, as texturas e as formas são combinados para, compor o ambiente, os aspectos objetivos são ativados pelas condições térmicas, acústicas, lumínicas e dimensionais. Ambos tem conseqüências comportamentais. A principal diferença entre eles está no fato de que os primeiros são relacionados à cultura enquanto os demais são inerentes à condição humana. Se uma pessoa está sentindo muito frio ou muito calor ela não se sentirá confortável de maneira nenhuma, por mais bonito e atraente que seja o lugar onde ela estiver. Isto é porque o corpo humano deve manter uma temperatura interna constante e por isso ele responde às condições térmicas de modo a manter o equilíbrio entre a quantidade de calor produzida pelo processo metabólico e a quantidade de calor dissipada no ambiente (Griffiths, 1975). Toda vez em que o corpo tem que fazer demasiado esforço para manter seu balanço térmico a sensação de desconforto irá aparecer e, como conseqüência, o comportamento será afetado. Será então afetado o modo de sentir-se-em-casa

(Malard, M. L., 1992). A dimensão física da ambiência pode ser entendida como a necessidade que se tem de se viver em harmonia biológica com o ambiente, bem protegido contra as intempéries e em situação de conforto relativamente à postura do corpo. Num certo sentido essa dimensão física é associada à dimensão fenomenológica de estabelecer um interior/ exterior. Um interior confortável (fresco na época de calor, quentinho durante o frio, seco quando se tem chuva, espaçoso e acessível para a movimentação do corpo) é fundamental para que o morador esteja satisfeito com sua moradia. É fundamental para o habitar, o sentir-se-em-casa, o ser-no-mundo (Heidegger, 1962)

Os valores objetivos da qualidade ambiental tais como um bom conforto térmico, um eficiente isolamento acústico, um adequado nível de iluminação, medidas as proporções devidamente ajustadas, também possuem certo grau*

subjetividade (Malard, ML., 1992a). Por exemplo, o ar condicionado central num edifício de apartamentos, além de propiciar conforto para os dias de calor excessivo, pode significar "status". Isso talvez seja porque esse e outros dispositivos de condicionamento ambiental, em razão de sua habilidade em modificar e controlar o ambiente natural e do seu alto custo de instalação e manutenção, tornaram-se signos de poder e modernidade. Algumas vezes, como é o caso de certos edifícios de luxo, o aparato de acondicionamento ambiental determina a própria configuração arquitetônica do edifício. Existem muitos exemplos interessantes em que a parafernália de componentes das instalações prediais são utilizadas como parte do sistema de significação do projeto arquitetônico. É o caso da chamada arquitetura high-tec. O Centro George Pompidou, em Paris, é um exemplo clássico nesse sentido e, sem sombra de dúvida, estabeleceu um padrão estético, ou moda, para a arquitetura internacional. Os móveis ditos anatômicos constituem-se num outro expressivo exemplo de como qualidades objetivas podem adquirir subjetividade na medida em que essas qualidades são deslocadas do universo simbólico para os sistemas de significação. Oferecer conforto para o corpo sentado é uma função do objeto funcional cadeira. O objeto em si tomou-se o símbolo de sentar. O objeto/cadeira que possui um determinado desenho significa "sentar com conforto adicional", o que revela "status". Sentar todos se sentam, cadeiras/ símbolo todas são, pois todas simbolizam o ato de sentar. Algumas significam o "sentar com conforto".

CONCLUSÕES.

Discutiu-se neste artigo que a ambiência -em termos arquiteturais tem duas dimensões: uma subjetiva, como descreve Baudrillard, que se encontra na relação entre as pessoas e os objetos funcionais; outra objetiva, de caráter fisiológico, que reside nas condições de conforto que as pessoas experimentam no ambiente construído. A dimensão dita subjetiva está relacionada com o sistema de significação dos objetos e é estritamente dependente dos padrões culturais dominantes no grupo. Ela é um fenômeno que se revela através dos usos, dos costumes e da moda. Enquanto subjetividade, o fenômeno da ambiência atua na estruturação do sistema dos objetos funcionais, conferindo um determinado caráter ao arranjo espacial desses objetos. Sendo um fenômeno existencial, a ambiência se inscreve no

âmbito do desejo e se revela no cotidiano, em qualquer interação usuário/espaço, independentemente de fatores sociais ou econômicos. A forma com que a ambiência se revela é, esta sim, dependente dos valores colocados pela cultura.

A dimensão objetiva da ambiência diz respeito às sensações corpóreas que são experimentadas na interação usuário/ espaço/ objetos. Nesse sentido, um ambiente agradável se define pela qualidade que oferece em termos de conforto térmico, acústico, lumínico e dimensional. A dimensão objetiva da ambiência é também impregnada de subjetividade, uma vez que não se pode separar o objeto/ símbolo do objeto/ signo quando se trata de analisá-lo no contexto de uso.

REFERÊNCIAS:

- BAUDRILLARD, J. (1968) Le Systeme des Objets. Paris: Editions Gallimard.
- BAUDRILLARD, J. (1988) The System Of Objects. Em Poster, M. (Ed.) Selected Writings. Cambridge: Polity Press.
- ELIADE, M: (1961) The Sacred and the Profane. New York: Harper and Row Publishers.
- GRIFFITHS, A: (1975) The Termal Environment. Em Canter, D. and Stringer, P. (Eds.) London: Surrey University Press, p. 21-52.
- HEIDEGGER, M. (1962) Being and Time. Traduzido para o inglês por John Macquirre & Edward Robinson. London: SCM Press.
- HEIDEGGER, M. (1971) Poetry, Language, Thought. Traduzido para o inglês por Albert Hofstadter. New York: Harper & Row Publishers.
- KOROSSEC-SERFATY, P. (1985) Experience and use of the Dwelling. Em I. Altman and C. M. Werner (Eds), Home Environments. New York: Plenum Press, p. 65-83.
- MALARD, ML. (1992) Identifying Architectural Conflicts: an interpretative approach to the appraisal of housing schemes. The 3rd Annual ACSA European Schools of Architecture Conference, Deift, Netheriands, 1992, Proceedings.
- MALARD, ML. (1992a) The Essential Qualities any House Should Meet. Housing Tecnology. IAHS World Congress in Housing - Proceedings
- NORBERG-SCHULZ, C(1971) Existence, Space & Architecture. London: Studio Visa.
- RAPOPORT, A. (1982) The Meaning of the Built Environment. Beerly Hills: Sage Publications.